

## Festa da Sagrada Família e Abertura do Jubileu Ordinário/2025

### Homilia

Em contexto de natal, somos convidados a deslocarmo-nos ao encontro de Jesus de Nazaré que nasce na nossa humanidade e a descobrir n'Ele a Sagrada Família que O acolhe, O ampara e O acompanha.

Deparamo-nos com a Família de Nazaré que se revela como modelo de toda a família humana, na sua identidade, na sua absoluta necessidade, na sua vocação e na sua missão.

São muito elucidativas as palavras trocadas entre Maria de Nazaré e o Seu Filho quando este lhe diz: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?».

Em Jesus Cristo descobrimos que toda a verdadeira paternidade e maternidade está em Deus, a Fonte da Vida, que convida os Seus Filhos a acolherem-Na e, como tal, a participarem da Sua Paternidade e Maternidade.

Deste modo, reconhecemos que a vida humana é dom de Deus, que transporta em si o Amor, a vocação e a missão.

Segundo o relato do Evangelho, Jesus Cristo é o centro da vida na Sagrada Família de Nazaré e por isso a Mãe O questiona: «Filho, porque procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura».

Sim, eis a maior de todas as preocupações da família de hoje. Procurar a Jesus Cristo é querer descobrir a sua identidade, a sua originalidade, a sua vocação e a sua missão.

Numa sociedade e numa cultura tão baralhadas, nas quais o ser humano se sente perdido e desorientado, sendo a família a ser a primeira a sofrer as consequências deste individualismo e personalismo sem Deus, importa proclamar o Evangelho da Família.

Na verdade, há uma boa notícia para a família que a Igreja, através das famílias cristãs, deve testemunhar perante este mundo, tal como aconteceu com a Sagrada Família de Nazaré.

Acolhamos as palavras de S. Paulo que ele dirige à comunidade de Colossos com as quais nos exorta, hoje a cada um de nós: «como eleitos de Deus, santos e prediletos, revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente, se algum tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, assim deveis fazer vós também».

E, em seguida, acrescenta: «acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição».

Sendo uma exortação feita a uma comunidade cristã, é igualmente importante para a vida, crescimento, amadurecimento e missão da comunidade familiar.

Neste sentido, tal como nos é afirmado nos diversos documentos da Igreja, a família e a comunidade cristã devem estabelecer uma mútua relação de modo que a família seja a primeira comunidade onde as relações humanas são permeadas pelo Evangelho e esta seja fermento de vida cristã na comunidade.

O mesmo se diga na sociedade em geral. A família cristã, na sua vivência autêntica da Boa Nova de Jesus Cristo, entre todos os seus membros, deve ser testemunha dos verdadeiros valores cristãos, oferecendo à cultura de cada época a identidade, o valor e a missão da família.

Acima de tudo a caridade, o amor, que é o vínculo da perfeição. Eis o grande convite: viver, crescer, amadurecer no amor como fundamento de toda a realidade humana e que para ser autêntico tem de ser sempre alicerçado no amor divino que transparece na Sagrada Família de Nazaré.

Neste mesmo contexto de natal e na celebração da festa da Sagrada Família, correspondendo ao convite do Santo Padre, estamos a iniciar o ano jubilar ordinário, cujo lema é «peregrinos da Esperança».

É muito elucidativa esta relação do natal, da festa da Sagrada Família e do convite a sermos peregrinos da Esperança.

Na verdade, no relato dos Evangelhos, deparamo-nos com um conjunto de personagens que uma vez escutado o anúncio do nascimento do Salvador, colocam-se a caminho em direcção ao presépio, como que a percorrer o itinerário da Esperança para o encontro com Jesus de Nazaré.

Este caminho de Esperança leva-nos até ao ambiente de intimidade e de Amor que se vive na Sagrada Família de Nazaré e que responde a todos os anseios da vida humana.

Que seja assim este próximo ano através de todas as acções de que se reveste o itinerário jubilar.

Como refere o Santo Padre, «todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã». E acrescenta, «porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida». Daí, «que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança! A Palavra de Deus ajuda-nos a encontrar as razões para isso».

Entre os diversos actos de que se reveste a graça jubilar, a peregrinação toma um significado particular. Por isso, exorto a que em cada paróquia, arceparóquia, movimento, grupo ou instituição, se organizem peregrinações aos locais já devidamente assinalado para se obter a graça da indulgência.

É um tempo de intensificar a oração e a vivência dos sacramentos. A Eucaristia deve merecer um cuidado muito próprio, a sua participação deve ser diligenciada, mas de modo singular deve proporcionar-se a vivência do perdão através do sacramento da reconciliação.

Solicito a todos os sacerdotes que dediquem tempo e sabedoria no acolhimento dos peregrinos e na celebração do sacramento da reconciliação.

Este é o tempo da partilha. O perdão sacramental tem o seu prolongamento no perdão nas relações fraternas e nas relações sociais. Estejamos mais atentos aos pobres e aos que sofrem, aos marginalizados e aos carenciados.

Este é o tempo para descobrirmos mais intensamente o valor da vida comunitária e o dever de participação de cada um dos batizados na missão evangelizadora da Igreja.

Entre os muitos sinais de esperança enumerados pelo Papa Francisco, na Bula da proclamação do ano jubilar, em contexto de natal e na celebração a Sagrada Família de Nazaré, elejo um que é dos mais fortes sinais de esperança: a abertura à vida.

Diz o Santo Padre: «a abertura à vida, com uma maternidade e uma paternidade responsáveis, é o projeto que o Criador inscreveu no coração e no corpo dos homens e das mulheres, uma missão que o Senhor confia aos cônjuges e ao seu amor».

E, acrescenta, «além do empenho legislativo dos Estados, é urgente que não lhes falte o apoio convicto das comunidades crentes e da inteira comunidade civil em todas as suas componentes, porque o desejo dos jovens de gerar novos filhos e filhas, como fruto da fecundidade do seu amor, dá futuro a toda a sociedade e é uma questão de esperança: depende da esperança e gera esperança».

Celebramos este jubileu integrado na preparação do jubileu diocesano. Recordo que neste primeiro ano dedicamos a nossa reflexão a encontrar respostas pastorais para que a Igreja diocesana seja uma comunidade à maneira dos Apóstolos – evangelizadora e de portas abertas.

A centralidade de Jesus Cristo, a descoberta e aprofundamento da Palavra de Deus e de uma catequese adequada, a vivência da comunhão e a verdadeira vivência da liturgia, uma comunidade ao serviço do Reino de Deus, pobre com os pobres e privilegiando um novo ardor, novos métodos e novas linguagens, são elementos estruturantes da renovação da nossa comunidade diocesana e paroquial.

Que eles estejam muito presentes nesta vivência do jubileu da esperança.

Imploro de Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe, Nossa Senhora do Minho, Nossa Senhora da Peneda, de S. Bartolomeu dos Mártires, de S. Teotónio, de S. Paulo VI e de S. João Paulo II que

abençóem todos os diocesanos de Viana do Castelo e que nos encaminhem pelas sendas da Esperança, da Paz e da Comunhão fraterna.

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo